

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, DOCÊNCIA E FUTEBOL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

Andréia Magalhães de Brito¹
Edineia Barros dos Santos²
Rilda Rejane Batista de Castro³
Marlon Messias Santana Cruz⁴

Resumo: O presente trabalho trata-se de um relato de experiência do subprojeto “Educação Física escolar: construindo possibilidades pedagógicas a partir de uma perspectiva cultural”, vinculado ao PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e desenvolvido pelo curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Campus XII. Com o objetivo de apresentar os resultados da prática pedagógica realizada numa escola da rede estadual do município de Guanambi-Ba, a experiência contou com os seguintes momentos: o primeiro deles foi o contato com a escola, com os alunos e com a professora supervisora, seguido da observação por um tempo das aulas da docente; o mapeamento das práticas corporais compartilhadas pelos discentes constituiu-se como o segundo momento; mapeadas as práticas demos início à segunda ação que consistiu na tematização/vivência/problematização da manifestação cultural selecionada. O conteúdo mapeado foi o futebol, a partir da perspectiva cultural do currículo da Educação Física de Neira e Nunes (2008; 2009), que advoga a favor de que todas as formas de manifestação e expressão corporal tenham espaço no currículo da Educação Física e sejam consideradas pela escola. Durante a tematização, damos voz aos alunos, identificando as formas como brincavam e jogavam nas vivências, que culminavam em momentos de reflexão conjunta sobre os elementos evidenciados em cada aula e, sobretudo aos discursos comumente compartilhados pelos alunos, procurando desvendá-los e analisá-los, entendendo as influências políticas, econômicas, sociais e, principalmente, culturais que interferem e/ou constroem esses discursos. Os resultados nos permitem concluir que o Pibid não contribuiu somente para a formação dos licenciandos, ao possibilitar experiências no exercício da docência, mas também para o entendimento e a reflexão dos alunos acerca do papel da Educação Física na escola, além de desvelar, analisar, refletir, repensar e ressignificar os marcadores sociais identificados durante o processo.

Palavras-chave: Pibid. Formação de professores. Futebol.

INTRODUÇÃO

A docência constitui-se como processo complexo, no qual se integram diferentes tipos de experiências relacionadas, sobretudo a necessidade de aproximação da universidade com a realidade escolar, restrita muitas vezes às experiências práticas aliadas aos conhecimentos teóricos relacionados ao momento do estágio curricular. Em virtude disso surgem diversas iniciativas políticas, cujo objetivo é fortalecer essa aproximação, e uma delas é o Programa

¹ Aluna do Curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia/DEDCXII, andreiamb.ef@hotmail.com.

² Aluna do Curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia/DEDCXII, martins10_pma@outlook.com.

³ Aluna do Curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia/DEDCXII, rildamati09@hotmail.com.

⁴ Professor Auxiliar da Universidade do Estado da Bahia/DEDCXII, marlonmessias@hotmail.com.

Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (Pibid). O Pibid concede bolsas aos alunos dos cursos de licenciatura a fim de inseri-los nas escolas de educação básica da rede pública de ensino desde o início da vida acadêmica.

O cerne de consolidação do Pibid são os subprojetos desenvolvidos pelos diversos cursos de licenciatura das IES. Cada subprojeto é composto por bolsistas de iniciação à docência, que são os alunos do curso; bolsistas de supervisão, que são os professores da (s) escola (s) parceira (s), que tem a incumbência de acompanhar, orientar e supervisionar os licenciandos em suas atividades na escola; e um coordenador de área, que é um docente do curso de licenciatura e proponente do subprojeto.

No curso de licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)/Campus XII se desenvolve o subprojeto “Educação Física escolar: construindo possibilidades pedagógicas a partir de uma perspectiva cultural”, cujo propósito consiste em contribuir para a construção da legitimidade da Educação Física na escola, a partir da efetivação de uma prática pedagógica orientada por princípios democráticos e de valorização da diversidade, que possibilite uma leitura crítica da realidade social.

A perspectiva cultural do currículo da Educação Física (NEIRA; NUNES, 2008, 2009) é a base teórica que fundamenta as ações pedagógicas desse subprojeto. Essa perspectiva, cuja elaboração é orientada pelos Estudos Culturais e pelo Multiculturalismo Crítico, advoga a favor de que todas as formas de manifestação e expressão corporal tenham espaço no currículo da Educação Física e sejam consideradas pela escola, uma vez que a validação de certos conhecimentos em detrimento de outros contribui para a legitimação de determinados interesses e para a constituição da identidade dos sujeitos que frequentam a escola.

O objetivo deste trabalho, portanto é apresentar os resultados da experiência realizada com uma turma do ensino médio de uma escola da rede estadual do município de Guanambi-Ba, justificando-se pela necessidade e importância da sistematização dos saberes adquiridos, bem como de ampliação e aprofundamento dos conhecimentos a partir de uma perspectiva crítica de compreensão da docência e do papel da Educação Física na escola.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O Pibid caracteriza-se como pesquisa-ação e por isso

[...] é [...] [crítico], rejeita as noções positivistas de racionalidade, de objetividade e de verdade e deve pressupor a exposição entre valores pessoais e práticos. Isso se

deve em parte porque a pesquisa-ação crítica não pretende apenas compreender ou descrever o mundo da prática, mas transformá-lo. (FRANCO, 2005, p. 486).

Caracteriza-se eminentemente por estratégias metodológicas nas quais se deve gerar um processo contínuo de ação-reflexão-ação coletiva, e conforme Franco (2005) constitui-se como pesquisa eminentemente pedagógica, dentro da perspectiva de ser o exercício pedagógico, estruturado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios éticos que concebem a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos envolvidos na prática. Assim, o subprojeto e as práticas pedagógicas que nele acontecem não seguem uma sequência didática preestabelecida, metodologicamente se baseia em momentos e estratégias de intervenção flexíveis, que se adaptam progressivamente aos episódios, instituindo uma comunicação sistemática entre seus participantes, realizando uma autoavaliação durante todo processo.

A partir de tais considerações, a experiência relatada neste trabalho aconteceu a partir de diversas ações. A primeira delas foi o contato com a escola, com os alunos e com a professora supervisora, seguido da observação por um tempo das aulas, de modo que pudessemos conhecer e ter um contato com os alunos, percebendo suas características.

A segunda ação foi o mapeamento das práticas compartilhadas pelos discentes e que faziam parte de suas vivências ou ainda do universo cultural mais amplo.

Mapeadas as práticas demos início à segunda ação que constitui na tematização/vivência/problematização da manifestação cultural selecionada, conhecendo, analisando e refletindo acerca dos marcadores sociais nela presentes.

Durante esse processo, lançamos mão de registros reflexivos a fim “coletar dados, registrá-los coletivamente, discuti-los e contextualizá-los [...] para seu compartilhamento num processo único, dialético, transformador dos participantes e das condições existenciais” (FRANCO, 2005, p. 499), realizados pelos bolsistas de iniciação a docência e contendo nossas impressões sobre o cotidiano das aulas.

Fazem parte do rol de ações, as reuniões de planejamento e estudos, nas quais, refletimos, analisamos e discutimos sobre as ações empreendidas, além de estudar os referenciais que norteiam o subprojeto.

A PRÁTICA PEDAGÓGICA

A prática pedagógica se configurou por diferentes momentos. Primeiramente, nos inserimos na escola a fim de conhecer o ambiente, depois observamos por algum tempo a turma e a atuação da professora supervisora, as atividades elaboradas e desenvolvidas por ela.

Durante esse período de aproximação, apesar de já conhecermos superficialmente a professora e a escola, pode-se notar que os atrasos eram constantes e suas aulas não tinham uma sequência lógica, além de não aparentar ter um planejamento concreto, contribuindo de certa maneira para a visão distorcida e compartilhada do Professor de educação Física enquanto “eterno repetidor de procedimentos de duvidosa fundamentação teórica” (MACEDO, 1999, p. 01), principalmente considerando o fato de que a presença dessa disciplina na escola é questionada e em geral é colocada em nível de inferioridade em relação às demais.

Também pode-se perceber que os alunos, cujas características remetem a timidez e pouca participação, estavam acostumados com a postura da professora e concordavam com sua proposta, além de aproveitarem a aula para usar o celular e realizar atividades de outras disciplinas, conferindo aparentemente pouca ou nenhuma importância ao componente.

No segundo momento da experiência pedagógica, realizamos um diagnóstico acerca das representações que os discentes tinham sobre a Educação Física. Elaboramos um cartaz orientado pelo seguinte questionamento: o que é Educação Física para vocês? pedimos para que os alunos respondessem por meio de frases, palavras ou desenhos. O principal objetivo desse diagnóstico está relacionado à importância de se identificar quais representações os alunos possuíam sobre a Educação Física, além de proporcionar espaços para que os próprios discentes se questionassem acerca dos sentidos que atribuíam ao componente curricular e que fazem parte de suas identidades. Entre as respostas surgiram: educação física é saúde, bem estar, estar de bem com a vida, jogar bola, praticar esportes, fazer atividade física, ser feliz, cuidar do corpo, entre outros.

Diante das respostas começamos a questioná-los acerca do que foi colocado no cartaz e instigar o porquê de cada frase, palavra ou desenho. Pode-se notar que muitos alunos relacionam a Educação Física aos conceitos relacionados à saúde e aos aspectos estritamente biológicos.

Para a maioria, a Educação Física é considerada como imprescindível ao ser humano; importante para a melhoria da qualidade de vida; sinônimo de saúde e útil para uma sociedade mais eficiente e produtiva; promotora do trabalho coletivo e do respeito às regras de convivência (MACEDO, 1999, p. 03).

Esse espectro transparece, portanto uma visão voltada ao caráter reprodutivista da realidade social no âmbito da escola, reproduzindo as estruturas e subjugando a disciplina a uma única dimensão, que inclusive é tratada superficialmente e de modo acrítico sem a necessária reflexão e desvinculada de um compromisso político de análise dos aspectos

culturais, políticos, econômicos e sociais

Discutimos também um texto que traz alguns conceitos e ideias acerca da Educação Física, como por exemplo, “E. F. não é fábrica de corpos”. Com relação a esta frase os alunos disseram que “muitos colegas acham que as aulas de E. F. vão contribuir para que tenham um corpo perfeito, mas na verdade não vão, pois isso só vão conseguir na academia”. Diante de tais posicionamentos discutimos o motivo pelo qual isso não acontece, além disso, discorremos que o objetivo da Educação Física não era treinamento e nem resultados estéticos, mas sim a vivência das práticas corporais que não dá conta das premissas do treinamento físico.

Com relação a “E. F. não é improviso”, relataram que se têm muitos enganos por parte dos alunos, no que concerne aos objetivos da E. F., pois pensam que o componente só é jogar bola e não sabem que “podemos aprender com o jogo, com o esporte, com a dança...”, evidenciando que a Educação Física vai muito além do caráter meramente prático. A partir de tais posicionamentos, podemos perceber que os alunos se contradizem, pois em determinados momentos reconhecem a importância do componente curricular, já em outros demonstram total desinteresse, inclusive quando não participam das aulas.

O terceiro momento da prática pedagógica foi marcado pelo mapeamento das manifestações corporais compartilhadas pelos alunos, para a definição e seleção do tema de ensino que seria estudado. De acordo com Neira (2011, p. 112), a característica mais marcante do mapeamento é “o olhar atento às culturas que orbitam no universo escolar”. Dessa forma, os alunos foram indagados sobre o que faziam dentro e fora da escola, considerando-se, ainda, o universo cultural mais amplo. Pedimos para que trouxessem fotos as práticas corporais que fizessem parte do universo vivencial de cada um, sejam nas ruas, caminho de casa para a escola, bairros, entre outros. Ao analisarmos as fotos, a maioria das imagens se referiam ao futebol decidindo então o tema de estudo, mas surgiram também imagens de alguns jogos, caminhadas, alongamentos e musculação.

Escolhida a prática, o quarto momento foi a tematização/vivência/problematização da manifestação selecionada, a partir de algumas estratégias como discussões, análises de discursos provenientes de diferentes fontes de informação, como vídeos etc.

Durante essa tematização, damos voz aos alunos, identificando as formas como jogavam nas vivências, que culminavam em momentos de reflexão conjunta sobre os elementos evidenciados em cada aula e principalmente, os discursos comumente compartilhados pelos alunos, procurando desvendá-los e analisá-los, entendendo as

influências políticas, econômicas, sociais e, sobretudo, culturais que interferem e/ou constroem esses discursos (NEIRA, 2011).

Alguns alunos se contradiziam principalmente as meninas dizendo que não gostavam desse conteúdo e que já estavam enjoados de jogar bola e que não iriam “correr e suar”, no entanto quando tentávamos vivenciar outras manifestações, os discentes não aceitavam e pediam o futebol. Diante disso, levamos também em consideração que no ensino médio os alunos manifestam um considerável desinteresse pelas práticas corporais e pelas aulas de Educação Física de um modo geral.

Percebemos que meninos não demonstram tanta resistência em jogar junto com meninas e vice-versa, entretanto durante a vivência eles pouco ou não passam a bola para elas, o que as fizeram protestar durante a roda de conversa no final da aula, reclamando e dizendo que os meninos eram “egoístas e fominhas de bola” e não as deixavam tocar, fazendo-nos identificar as questões de gênero.

Discutimos e analisamos discursos presentes em vídeos e documentários e também aqueles que acabamos por reproduzir em nossas falas e atos. Principalmente no que diz respeito a pouca ou nenhuma participação feminina na prática esportiva, além dos discursos que estão implícitos nesse fato, que diz respeito não somente aos aspectos biológicos que dizem que homens sejam mais fortes que mulheres, mas também os de ordem social e cultural.

Perguntamos quantas meninas tinham ganhado uma bola de presente quando crianças, somente três levantaram a mão num universo de mais de dez meninas. Discutimos então que muitos dos nossos discursos são construídos desde nossa infância, e são influenciados pelas questões culturais, que determinam as identidades masculina e feminina. Ao homem é conferida a identidade de

[...] senhor do lar, aquele que garante o sustento da família trabalhando fora, o dono da produção – entendida como aquilo que gera a riqueza, em termos de dinheiro – e às mulheres, um ser frágil, restando-lhes o trabalho doméstico, invisível e desvalorizado e, ainda, a função de reprodução: da vida, da força, do trabalho e também dos valores vigentes [...] construídos historicamente ao longo dos tempos (SANTOS, 2008, p. 55).

Então explicamos que a pouca ou nenhuma participação feminina no futebol e os discursos que pairam sobre o assunto vão sendo construídos desde a infância a partir dos estereótipos acerca da identidade feminina taxada como meiga, delicada, comportada, submissa e a identidade masculina como forte, viril, agressiva, machista e líder.

Discutimos também a participação de algumas mulheres no futebol e como elas eram vistas, um aluno relatou que o futebol feminino quase não aparecia na televisão diferente do masculino. Ponderamos a respeito dos patrocínios e da rentabilidade, além da pouca visibilidade da prática feminina, tendo em vista que grandes clubes não investem na modalidade alegando não haver retorno, patrocinadores não investem dinheiro alegando não haver visibilidade, e conseqüentemente o público não assiste às partidas porque não há exposição e assim o esporte não se desenvolve.

Para além do patrocínio, como justificativa ou explicação da pouca visibilidade do futebol feminino, Goellner (2005) destaca que coexiste ainda a

aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. Por estarem profundamente entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas tais como o futebol e o as lutas.

Nesse sentido, vários são os discursos que possuem algumas representações que fazem a apologia da beleza e da feminilidade como algo a ser preservado, em especial, naquelas modalidades esportivas consideradas como violentas ou prejudiciais a uma suposta natureza feminina, provocando muitas vezes a espetacularização do corpo feminino e uma contradição em relação isso.

Conforme Goellner (2005) a espetacularização do corpo feminino é aceita e estimulada em determinados locais sociais, principalmente, nos que estimam uma representação de feminilidade construída e aportada na exacerbação, sobretudo, da beleza e da sensualidade.

[...] Noutros, como o campo de futebol ou as arenas de lutas, essa espetacularização direciona-se para o estranhamento a estes corpos femininos performances, fundamentalmente, porque às mulheres, cuja aparência corporal é excessivamente transformada pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo, são atribuídas características viris que não apenas questionam sua feminilidade mas também colocam em dúvida a autenticidade do seu sexo.

CONSIDERAÇÕES

O Pibid, como alternativa de mudanças tanto no currículo quanto na prática pedagógica da Educação Física, tem sido oportuno para a inserção de outras práticas da cultura corporal na escola, para a busca pela legitimidade da Educação Física e para a

inserção dos licenciandos, bolsistas de iniciação à docência, na realidade concreta da prática educativa.

No processo de dar voz aos alunos o subprojeto colaborou para a constituição e desenvolvimento de uma prática docente diferenciada, onde os discentes tiveram suas vozes e suas manifestações culturais validadas no currículo da escola, a partir de ações constantemente planejadas, refletidas, analisadas, num processo contínuo, sujeito às adequações conforme as necessidades dos sujeitos envolvidos, aproximando e confrontando os conhecimentos dos alunos, promovendo o respeito e o reconhecimento das diferenças.

Por tudo isso, o Pibid não contribuiu somente para a formação dos licenciandos, ao possibilitar experiências no exercício da docência, mas também para o entendimento e a reflexão dos alunos acerca do papel da Educação Física na escola, além de desvelar, analisar, refletir, repensar e ressignificar os marcadores sociais identificados durante o processo.

REFERÊNCIAS

GOELLNER. S. V. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

MACEDO. R. L. Valoração da educação física: da produção acadêmica ao reconhecimento individual e social. **Revista Pensar a Prática**, v. 2. 1999.

NEIRA. M. G. **Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011.

SANTOS. H. P. **As relações de gênero e o futebol nas aulas de Educação Física em Caetalão-GO**. Poiésis Pedagógica - v. 5/6 - p. 51-72 - jan./dez. - 2007/2008.